

O ÍNDIO NA CONSCIÊNCIA URBANA

Roberto Cortez
Museu Goeldi

RESUMO — Idéias do homem urbano a respeito do índio, com base em treze entrevistas realizadas, na cidade do Rio de Janeiro, por ocasião da seleção ao Mestrado em Antropologia Social, do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O trabalho sugere que o índio é muitas vezes visto ora como um animal selvagem, indolente e/ou violento, vivendo na selva, ora como um homem primitivo, trabalhador e/ou oprimido, vivendo na miséria. Também mostra que na sociedade urbano-industrial competitiva há uma certa consciência evolucionista-democrática a favor do índio, a qual tanto serve para justificar a preservação do índio como para justificar sua integração na sociedade nacional civilizando-o.

É importante conhecer a imagem que o "índio" constrói sobre os "civilizados". Tanto sobre aqueles que, movidos pelos interesses duma sociedade extremamente competitiva, invadem, conquistam e se apossam do território indígena, depredando a **Natureza** e depreciando a **Cultura**; quanto sobre os que usam e abusam do índio como mão-de-obra fácil e barata, motivados por uma concepção do trabalho como sendo uma mercadoria a ser sempre alugada ou vendida; como a respeito de outros, incapazes de abrir mão de seus dogmas ideológicos, tentando, pela imposição ou pelo poder da sugestão, moldar o índio em função do etnocentrismo de suas verdades eternas, universais e imutáveis; e também com relação ao antropólogo, o qual "constrói seu prestígio e faz sua carreira sobre os ombros do miserável grupo tribal que estuda" (1).

(1) — Cf. Matta, In contracapa Oliveira, 1972.

Outrossim, parece ser igualmente importante conhecer as imagens, as idéias, enfim as representações sociais que o **Homem Urbano** tem a respeito do índio. Desse modo, a imagem que o chamado homem urbano — que nem sempre é uma pessoa “urbana”, “gentil”, um “boa praça” — tem sobre o índio, bem como o interesse crescente pela situação do indígena no Brasil, somados à existência de uma bibliografia reduzidíssima, embora significativa sobre o assunto, motivam a publicação deste breve ensaio prévio a respeito do que nós mesmos, homens do “meio técnico” (Friedmann, 1968), pensamos sobre esse “exótico” exemplar do homem do “meio natural”: o índio.

Concebido e realizado para servir como prova de seleção do Mestrado em Antropologia Social, do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em julho de 1971, quando abordamos o tema *discuta, baseado em entrevistas, como a categoria “Índio” é vista pelos habitantes da grande cidade* (2), o presente artigo ainda é um ensaio porque se baseia num material quantitativamente reduzido (3), não obstante seja realmente significativo. Tratava-se de uma amostra experimental proporcionando as informações mínimas indispensáveis para o cumprimento da tarefa exigida pelo exame. Por outro lado, teceremos considerações apenas quanto às verbalizações dos entrevistados. Nesse nível analítico é que o artigo está situado, não estando em jogo a confrontação dos valores professados pelos informantes com o próprio comportamento efetivo assumido por eles em circunstâncias “concretas”. Contudo, discute-se um ângulo importante na medida em que se revelam fragmentos

(2) — Prazo de oito dias para a coleta das informações com a recomendação de serem “exposições de casos concretos de observação pessoal direta do que explicações livrescas ou simples generalizações”, conforme as instruções recebidas da banca examinadora: L. Castro Faria, Roberto da Matta e Lygia Segaud.

(3) — Treze entrevistas em alguns locais da cidade do Rio de Janeiro: 4 numa praça de Botafogo, 5 em três residências de Copacabana, 2 num estabelecimento bancário do “centro comercial” e 2 numa agência de publicidade também localizada no Centro Comercial.

das representações expressadas pelas pessoas sobre o índio, pois, como seria útil lembrar, todas as ações humanas parecem ser *legitimadas*.

Tentando-se fugir a certos procedimentos tão comuns adotados na elaboração de roteiros de entrevistas — até porque o tema pedia uma discussão sobre o assunto — imaginou-se uma espécie de situação-problema, a qual, mesmo simples, servisse como ponto de partida para se extrair as informações para o propósito central do que havia sido exigido. As entrevistas começavam propondo ao informante tomar uma decisão em face da situação-problema. Ao se propor a situação e observando-se que o entrevistado estava em dúvida quanto à escolha a ser feita, pedia-se que ele declinasse quais as categorias que faziam parte da dúvida. Então, insistia-se na escolha de uma só categoria, dentre as que ele duvidava optar, anotando-se os comentários feitos. Se a opção era, porventura, imediata, também se indagava o porquê da preferência pela categoria escolhida e, no caso do entrevistado não optar pelo índio, igualmente se procurava saber a razão. Após isso, seguiam-se as perguntas normais do roteiro elaborado. No final, foram solicitadas algumas informações para efeito de uma rápida caracterização do entrevistado: sexo, idade, estado civil, profissão, naturalidade, etc. Uma circunstância, portanto, logo identificada pelos informantes como de “forte apelo ao sentimento de solidariedade humana”, foi proposta aos treze informantes e estava assim redigida: — Um grupo, realmente necessitando de ajuda, composto de *italiano, negro, japones, índio, judeu e portugueses*, pede-lhe um pequeno auxílio: roupas, algum dinheiro ou um pouco de comida, coisas que você pode dispor para ajudar alguém. Porém, o próprio grupo esclarece-lhe que *somente um*, dos seis, deve ser escolhido. A quem você escolheria? Por quê? Por que não escolheria o índio (no caso do informante não ter escolhido o índio)? (4). As perguntas feitas, todas muito gerais,aju-

(4) — A partir dessa situação, Isidoro Alves elaborou outra com referência a dar emprego num hospital para certas pessoas, uma das quais era um índio.

davam a tentar-se recolher representações sobre o índio : Qual a idéia que você faz do índio ? O que você pensa sobre o índio ? O que você pensa que o índio faz ? Como você imagina o cotidiano do índio ? O que você acha que se deve fazer atualmente com o índio ? Como você vê a situação do índio ? O conhecimento que você faz do índio baseia-se em quê ?

Algumas razões foram responsáveis pela seleção daquelas categorias, ao lado do índio, no texto proposto às pessoas sob a forma de um dilema imaginário. Não significa, porém, que essas razões digam respeito exclusivamente àquelas categorias, nem tampouco que os motivos enumerados sejam os únicos capazes de justificar o fato daqueles cinco "tipos sócio-culturais", ao lado do índio, terem sido lembrados, bem como outras "figuras" poderiam ter sido relacionadas, como, por exemplo, cigano, alemão, judeu, etc.. Uma das razões, comum a todos os personagens, inclusive quanto ao índio, é esses chamados "tipos sócio-culturais" serem objeto, em maior ou menor grau, em maior ou menor intensidade, de avaliações apreciativas e/ou depreciativas. Para citar um único exemplo — nem precisaria ser lembrado — num inquérito feito em 1952, na cidade de Salvador, os judeus foram considerados *avarentos, gananciosos, inteligentes, astuciosos, desonestos, econômicos e interesseiros*, os *portuguêses* como sendo *religiosos, sujeitos, trabalhadores, econômicos, pouco inteligentes, bondosos e simples*, enquanto os *japoneses* foram tidos como *traíçoeiros, cruéis, vingativos, trabalhadores, supersticiosos e valentes*, e os índios, por sua vez, razão de ser deste trabalho, foram classificados como sendo *desconfiados, supersticiosos, preguiçosos, vingativos, valentes e traíçoeiros* (Azevedo, 1965 : 50-52); especificamente sobre o negro, bastaria citar uma passagem de um livro sobre a integração do negro na sociedade de classes :

...o dilema do **preconceito de cor**, ou seja, no que isso significa na sociedade brasileira, da perduração da velha associação entre **cor**

e **posição social ínfima**, excluindo-o de modo parcial ou total, da condição de ser **gente** (Fernandes, 1965 : 1).

Outra razão, também comum a todas as categorias relacionadas, seria o fato de designarem grupos étnicos que se configuram como um "tipo organizacional", na medida em que "by concentrating on what is socially effective, ethnic groups are seen as a for social organization" (Barth, 1969 : 13) :

Não obstante a escolha a ser feita, em face da situação proposta, possa parecer fácil demais, informantes deixaram transparecer que estavam enfrentando alguma dificuldade quanto à opção por somente um dos seis personagens, seja através da fisionomia, seja pelos gestos que fizeram e, a partir daí, começavam as verbalizações. Alguns chegaram a confessar suas dúvidas e indecisões, como, por exemplo :

- uma senhora de cor negra, com 42 anos de idade e instrução até a quarta série do curso primário, trabalhando como empregada doméstica, nascida no interior do ex-Estado do Rio de Janeiro, mas tendo vindo com seis meses de idade para a cidade do Rio de Janeiro, começou declarando que *é difícil porque a gente tem que olhar por todo mundo t'ou em dúvida entre o índio e o negro são as duas raças juntas né ?;*
- um jovem de 24 anos, "cor clara", publicitário, natural do interior do Estado de São Paulo, tendo *vivido muito tempo na capital* desse Estado, residindo recentemente na cidade do Rio de Janeiro e com instrução superior incompleta, afirmou : *t'ou numa dúvida cruel entre o judeu e o negro.*

No entanto, deve-se admitir, houve quem achasse *uma pergunta inocente demais, é o que mais necessidade tem na cidade, na selva o necessitado não seria o índio porque estaria na terra dele*, como um senhor, nascido na cidade do Rio de Janeiro *nunca tendo saído daqui*, com ginásio incompleto, funcionário público aposentado, casado, com 50 anos

de idade; ou, então, o caso, de uma entrevistada, estudante de curso superior, natural de Minas Gerais, solteira, vivendo há 20 anos na cidade do Rio de Janeiro que declarou: *provavelmente faria um sorteio, não há um critério p'rá escolher porque se estão no mesmo nível de necessidade qualquer escolha seria desumana.*

Parece-nos, contudo que o dilema proposto funcionou para o propósito do tema.

Em suas incursões pelos caminhos do problema da identidade, Oliveira (1971 : 926) esclarece que "a noção de identidade possui duas dimensões : a pessoal (ou individual) e a social (ou coletiva)", as quais seriam faces de um mesmo fenômeno "situado em diferentes níveis de realização", mostrando que para o

deslindamento da identidade social, em sua expressão étnica, a apreensão dos mecanismos de identificação nos parece fundamental porque eles refletem a identidade em **processo** : como é assumida por indivíduos e grupos em diferentes situações concretas (Oliveira, 1971 : 927).

Não obstante, este ensaio, lidando apenas com o nível verbal das representações, contenta-se apenas em revelar que, mesmo numa situação mentalmente imaginária, a "identidade" parece assumir um papel decisivo, pois ocorreram opções orientadas em função da "identidade" do informante. Realmente, algumas tendências seriam interessantes. Nesse sentido, observa-se, por exemplo, pessoas optando por aquela categoria representativa do que tenderiam a reconhecer, tendo em vista a escolha feita e as declarações prestadas, como constituindo suas origens "étnicas" ou "sócio-culturais". Diante, portanto, de uma circunstância que os próprios entrevistados apontaram como de forte apelo ao sentimento de solidariedade humana, há pessoas que agiriam, pelo menos em princípio, em função do que identificariam como sendo seu "grupo étnico" :

— aquela mesma senhora de cor negra, afirmando ser filha de índio, sem que tivesse conhecido seu

pai, declarou que *ia para o lado do meu sangue que é índio*;

- uma senhora viúva, de 68 anos de idade, "cor clara", natural do Estado de Sergipe, residindo na cidade do Rio de Janeiro há quase 30 anos, aposentada, com curso primário completo, não obstante tenha feito questão de insistir que *não faço restrição ao índio*, optou pelo português, pois, conforme declarou, é filha de português;
- uma senhora casada, ginásial completo, comerciária, nascida em Corumbá (Mato Grosso), há mais de 15 anos no Rio de Janeiro, preferia ajudar o italiano, sem saber porque não escolheria o índio, mas declarou ser descendente de italianos (avós).

Contudo, nem sempre, na amostra experimental que estamos utilizando, a escolha se verificou nos termos de uma relação tão direta. Noutros exemplos, o "preconceito de cor" e/ou "estereótipo racial" interferiram na escolha, estabelecendo uma relação inversa entre aquilo que o entrevistado simboliza como sendo seu grupo étnico de referência e a categoria escolhida por ele. No primeiro caso, o "preconceito de cor" para com o negro impossibilitou a escolha do índio, tendo favorecido a opção pelo próprio negro, enquanto que no segundo a preferência pelo índio seria motivada pelo próprio estereótipo para com o índio :

- um senhor casado, com mais de 60 anos de idade, funcionário público aposentado, com curso secundário incompleto, natural do Estado de Sergipe, estando há quase 30 anos na cidade do Rio de Janeiro, descendente de portugueses, esclarecendo que *não tenho preconceito de raça, não tenho restrição ao índio, é uma gente digna de amparo, de acatamento, vivem nas selvas coitados*, declarou que escolheria o negro *a cor que eles tem já humilha*;

- um senhor casado, de “cor morena escura” 36 anos de idade, bombeiro hidráulico, estudou até o terceiro ano primário, natural da capital do Rio Grande do Norte, com cerca de 14 anos residindo no Rio de Janeiro (por vezes, em São Paulo), respondeu que escolheria o índio porque é o *mais necessitado, não tem conforto, vive no mato, enquanto o negro tem pai, mãe, é pobre mas com certo conforto, o índio leva uma vida de tristeza e miséria dentro do mato, a gente não (o negro), é pobre sim, mas já nasce nesse ritmo da cidade, eles (os índios) são esquisitos mesmos, são mau mesmo.*

Porém, o próprio “estereótipo” para com o índio não conduziria, necessariamente, a preferi-lo, como no exemplo anterior. Com efeito, outra resposta é reveladora exatamente do oposto, de tal maneira que uma avaliação apreciativa ou depreciativa do índio tanto tenderia a facilitar a opção por ele como, igualmente, tenderia a dificultar :

- aquele jovem de 24 anos, depois de ter revelado sua dúvida entre o judeu e o negro, escolheu o negro : *não sei se tenho alguma coisa contra o índio, se é sujeira ou coisa parecida, o negro tem mais simpatia, é inteligente, gosto do negro.*

Em todo caso, mesmo nos exemplos em que se dá uma vinculação direta entre o que estamos chamando de grupo étnico de referência do entrevistado e o personagem escolhido o “preconceito e/ou estereótipo” por, pelo menos, uma das categorias presentes (italiano, negro, japonês, índio, judeu e português) interferiu como variável importante para compor o quadro de referência usado para se preferir ou recusar a figura do índio :

- aquela senhora de cor negra, comentou que o índio *vive de caça, pesca, come raiz, é brabo, se o branco não for amigo o índio mata o branco, é só desconfiar, se o branco que vai lá, se não be-*

ber e comer a mesma coisa deles, ele mata: estudou isso no livro;

- a senhora que escolheu o português por ser descendente de portugueses, quando indagada de como seria o cotidiano do índio, declarou: *sem-pre procurando trabalhar, eles não podem se desenvolver porque não estão civilizados;*
- a moça descendente de italianos comentou que o índio *não trabalha, só come e dorme, em parte nós deveríamos civilizá-los: aprender a ler e escrever, ensinar os nossos costumes, higiene.*

Como já se começa a perceber, a idéia que o habitante de uma "grande cidade" faz do índio, o que ele pensa sobre o índio, aquilo que ele imagina sendo o cotidiano do índio, a maneira como ele vê a situação do índio é, sem dúvida, muito fragmentária na amostra experimental que estamos utilizando. No entanto, é bem provável que não se tratem de meras atitudes ou de simples idéias sobre o índio. A discussão ao tema permite considerar ser possível que esses fragmentos façam parte de uma concepção que se tem sobre o índio. Na verdade, as pessoas em geral, e o chamado **Homem Urbano** em particular, possuem uma concepção ou concepções sobre o índio. Há todo um sistema de representações sociais compondo uma concepção ou concepções a respeito do índio. Como, por certo, há também, por exemplo, uma concepção sobre o judeu, o português, o japonês, o sírio-libanês e assim por diante. De fato, tratar-se-ia, parafraseando Sartre (1965: 12) de:

...uma livre e total escolha de si mesmo, uma atitude global que alguém adota não só em face dos judeus como ainda dos homens em geral, da história e da sociedade; é, a um só tempo, uma paixão e uma concepção do mundo.

Só que essa escolha não seria tão "livre", nem tão "total" assim e, no nosso caso, trata-se do índio. No momento, porém, podemos apresentar rápidos instantâneos, ligeiros fragmentos. Ainda assim, deve-se indagar: qual o destino de um povo olhado dessa maneira?

O índio é visto, por exemplo, como um animal, ou quase um animal, feroz, perverso, brabo, selvagem, antropófago : *o índio só pode ser brabo, é quase um animal, não é uma pessoa civilizada, é quase um animal perverso, são mau mesmo; gente selvagem, desprovida de tudo, necessitando de amparo, não é isso mesmo? existem os antropófagos, tem aquele recalque, aquele complexo assim, tinha um vigia... que era índio, sujeito formidável, ficava ali como um cão de caça, ninguém encostava; tem uma raça que são antropófagos; devem haver tribos um pouco selvagens. Pode, porém, e freqüentemente o é, ser visto como sendo potencialmente equiparado ao "homem branco": o índio não deve ser brabo, de acordo com a conveniência, tem muito branco mais bravo que o índio, quantos brancos aproveitam a inteligência para viver p'ro mal?; o índio tem capacidade p'rá aprender, o índio pode se civilizar com o estudo, como se educa uma criança; ele é racional, mas o grau de atraso deles é tão grande! mas, em termos, porque com esse grau de atraso conseguem sobreviver, atrasado em comparação ao civilizado, ele consegue caçar por isso não é tão atrasado assim; é muito habilidoso, inteligente; eles têm inteligência equiparada ao homem branco, por falta de condições eles se estagnam mentalmente.*

Há, também a idéia de que o índio não é violento ou de que a violência do índio seria consequência do que se tem feito de ruim com o índio : *a violência do índio é uma reação pelo que ele sofre, a violência que ele manifesta é consequência disso; o índio não é violento, não tenho essa impressão, as reações seriam fruto da ignorância, do medo, p'rá se proteger, não é instintiva a violência. Como uma raça oprimida, explorada : o branco é um intruso, inclusive deve haver explorador do índio; o índio também poderia ser escolhido porque está na mesma situação dos negros e, depois, não é lembrado, pelo menos aqui p'rá baixo, aqui se esquecem que ele existe.*

Por vezes, o índio é encarado como sendo trabalhador : *eles são diferentes porque vivem isolados, mas não acredito*

que sejam indolentes; disposto p'ro trabalho; já tem muitos civilizados que trabalham; acho que o índio deve trabalhar, senão como ele vai viver: a caçada, a choupana é trabalho; o índio faz artefatos, preparar materiais, cerâmica, eu acredito que o índio faz muita coisa boa, todos nós temos uma luta muito grande pela sobrevivência: o índio deve lutar pela sua sobrevivência também; sempre procurando trabalhar, eles não podem se desenvolver porque não estão civilizados. Mas, em contrapartida, também é olhado como sendo indolente, sem utilidade para a sociedade "civilizada", sem ter qualquer preocupação, só se divertindo: o índio devia acabar, não vejo nada de útil p'rá gente, a raça não acrescenta nada; caçando, pescando, dormindo e não fazendo mais nada; não trabalha, só come e dorme; viver no mato, comendo bicho, não trabalha, não pode trabalhar, já tem muitos civilizados que trabalham, mas os que vivem na selva não; ele não faz nada, só comer, deve se divertir, o índio não se preocupa; caçando, curtindo religião, idolatrando uma série de coisas, deve existir um milhão de perguntas sem resposta.

O habitante da grande cidade também costuma ver o índio como valente, corajoso, como um herói, conforme as declarações prestadas: *com coragem p'rá enfrentar e com muito senso prático. Mas também como sendo algo primitivo, não-civilizado, sem conforto: pescam, caçam, levam lá a sua vida primitiva, remando; o índio pode se civilizar com o estudo, como se educa uma criança; é o mais necessitado, não tem conforto, vive no mato; é um homem primitivo, mas já tem diversas tribos civilizadas, o índio se precisasse de roupa na civilização estaria fora do lugar dele, o lugar dele é aquele mesmo, se possível reservado um lugar nas selvas.*

Nessa linha de procedimento, poder-se-ia tentar repensar informações dessa natureza — casos concretos de observação pessoal direta — com os esquemas propostos por estudiosos do assunto. Ribeiro (1970: 193-4), por exemplo, para quem a compreensão do problema indígena brasi-

leiro seria dificultada pelas "atitudes emocionais que se tende a assumir diante dele", o que realmente acontece, sugere a existência de três tipos de atitudes: a **Etnocêntrica**, a **Romântica** e a atitude **Absenteísta**. A primeira seria a dos que :

...concebem os índios como seres primitivos, dotados de características biológicas, psíquicas e culturais indesejáveis, que cumpre mudar, para compeli-los à pronta assimilação aos nossos modos de vida;

a atitude **Romântica**, propugnadora das "reservas", concebe os índios como gente bizarra, imiscível na sociedade, que deve ser conservada em suas características originais, quando mais não seja como uma raridade que a nação pode dar-se ao luxo de manter, ao lado de museus e dos jardins zoológicos; enquanto a atitude **Absenteísta** seria a dos que, "considerando inevitável e irreversível o processo de expansão da sociedade nacional sobre seu próprio território, que a leva ao encontro de todos os remanescentes das populações indígenas ainda isoladas e autônomas, postulam a inevitabilidade do contato, da deculturação e da desintegração progressiva das culturas tribais, seguidas, necessariamente, da extinção do índio como etnia, e da incorporação de remanescentes.

Oliveira (1972 : 72) por sua vez, igualmente preocupado com os "obstáculos que a questão indígena encontra, nos meios não comprometidos, para a sua formulação adequada e racional", propõe a existência de quatro mentalidades : a **Estatística**, a **Romântica**, a **Burocrática** e a mentalidade **Empresarial**, alargando o quadro de referência sobre as representações da sociedade inclusiva para com o índio.

Nossas informações ainda não permitem um cotejo completo com essas duas tipologias. Não podemos, contudo, deixar de mencionar que, de fato, tendo em vista nossas informações, há atitudes ou mentalidades por exemplo românticas por parte do habitante da grande cidade com respeito ao índio, como sugerem Ribeiro e Oliveira. Contudo, preferiríamos sugerir, quanto ao nosso caso, se não estaríamos diante de certas definições polares, comportando provavelmente uma graduação, como ensaiamos indicar anteriormente, sobretudo porque estamos lidando com um material empírico diverso e diversificado, ainda que numericamente reduzido, fruto de observação pessoal direta. Com respeito,

portanto, ao índio e com base em nossas próprias informações de campo, preferiríamos arriscar — *“quem não arrisca não petisca é também um princípio de epistemologia”* (Kaplan, 1969 : 303) — o seguinte. A definição social — todas as definições são sociais — dada pelo homem de uma “metrópole” pareceria ainda permanecer oscilando, atualmente talvez em intensidade menor, entre ser o índio um *animal selvagem, indolente e/ou violento, vivendo na selva* e considerar o índio como sendo um *homem primitivo, trabalhador e/ou oprimido, vivendo na miséria*.

Nesse sentido, alguma coisa ainda pode ser dita pelo habitante da “grande cidade” sobre o índio. Há, por exemplo, a idéia da preservação : *o lugar dele é aquele mesmo, se possível reservando um lugar nas selvas, reservar uma área para que a civilização não interfira na vida deles, uma área própria para eles, a reserva é uma defesa para ele; deve-se reservar uma área para o índio, nós temos que ir lá procurando ajudar*. Como também encontramos os que falam da integração do índio na sociedade nacional, mas respeitando-se a “raça” : *respeitaria a raça, não colocaria no nosso meio, deveria vir muito devagar, por causa do choque, adaptação gradativa, colocá-lo gradativamente na sociedade, o que é inevitável por causa do progresso; procurar aproximá-los da sociedade, educá-lo, dotá-lo de todos os meios de um ente civilizado, eles educados serão úteis à Pátria*. Provavelmente, trata-se dos que defendem a dissolução dos costumes indígenas, a transformação do modo de ser peculiar do índio, desde, certamente, que o índio reconheça “seu lugar”, reconheça que é de uma “raça” diferente da nossa e que, por certo, índio conviva somente com índio, filho de índio brinque apenas com filho de índio, etc.. Como se vê, parece estarmos diante de um estranho raciocínio evolucionista. Se o índio é um ser primitivo e selvagem, violento e oprimido, indolente e trabalhador, vivendo na selva e na miséria, tanto seria legítimo, aos olhos do homem urbano, *reservar uma área para que a civilização não interfira na vida*

deles, pois o lugar dele é aquele mesmo, se possível reservando um lugar nas selvas, como seria legítimo uma adaptação gradativa à nossa sociedade civilizada.

A partir daí, nota-se, nos cidadãos da sociedade urbano-industrial competitiva, uma certa consciência evolucionista-democrática em favor do índio, mas que parece ser uma pálida defensora do indígena e se apresenta como uma "faca de dois gumes", tanto serve para legitimar sua preservação, em termos de que *o lugar dele é aquele mesmo*, como serve igualmente para justificar sua integração na sociedade nacional *civilizando-o*, o que parece muito natural pois, conforme Faria :

... a civilização concebida como o fim último de todas as sociedades humanas não pode oferecer ao não-civilizado outra coisa melhor do que a escolha do caminho curto e certo para chegar a ela. (1970 : 300).

Uma das facetas dessa concepção, portanto, pretende salvar o índio como homem, como e enquanto ser humano (em termos abstratos), mas favorável ao aniquilamento do índio ao propugnar pela perda de tudo aquilo que, culturalmente, o identifique como índio : *a sujeira ou coisa parecida; sem a mínima higiene*. Novamente, parafraseando um autor já citado, mas com as reservas de que não estamos, em hipótese alguma, estabelecendo nenhum paralelo : "O anti-semita censura ao judeu o ser judeu; o democrata censura-lhe de bom grado o **considerar-se** judeu (Sartre, 1965 : 36). Então, se o índio não existisse, temos a impressão que nós o teríamos inventado ! Afinal, parece mesmo que Matta (1974 : 32) tem razão :

O índio (especialmente o índio do Brasil) talvez não tenha ainda desaparecido do mapa e, sobretudo, dos jornais, porque sobre ser cliente, pagão, malvado, nobre, puro, assassino, sujo, guerreiro, etc... continua sendo índio !

De tal modo que o "custo de ser índio no Brasil é poder ser tudo e, não obstante, continuar sendo precisamente isso: índio !" (Ibid.).

Como se vê, tendo em vista somente a amostra experimental que estamos usando, o índio parece ser visto de uma maneira um tanto diversificada, do mesmo modo que as con-

dições de existência social, que a situação citadina de uma sociedade urbano-industrial em expansão seria muito diversificada. Numa "grande cidade", principalmente com um certo "ar cosmopolita", como o Rio de Janeiro, onde foram feitas as entrevistas, as opções de vida seriam maiores, as alternativas de inserção econômica, política, intelectual, enfim, as alternativas de realização pessoal seriam mais numerosas que as apresentadas aos habitantes rurais, sobretudo para aqueles que estão em maior proximidade física, competitiva e conflitual com os indígenas; os projetos individuais parecem florescer mais facilmente, como costumam achar as pessoas. O metropolitano, por exemplo, pareceria não ver, genericamente — as poucas entrevistas não revelaram isso —, o índio como sendo um futuro concorrente no mercado de trabalho e assim por diante. Contudo, o homem comum das metrópoles não vê o índio exclusivamente, ao contrário do que se costuma pensar, como "bom, ingênuo, criança grande incapaz de qualquer vilania" (Oliveira, 1972 : 67). Não obstante, de fato, conforme observa Oliveira (1972 : 68), as distâncias "que guarda o metropolitano das áreas assoladas pelo que chamamos de "fricção interétnica" geram um desconhecimento quase tão grande quanto demonstrado pelos regionais" (Ibid.). A nosso ver, o metropolitano participaria não apenas de um lado dessa constelação de estereótipos — "uma das faces de uma única constelação de estereótipos" —, mas das duas faces de uma única constelação de estereótipos, a qual como nota Oliveira (Ibid.),

...é engendrada pelo desconhecimento de um tipo determinado de grupo humano; grupo que adota formas tribais de associação e é possuidor de uma cultura "rústica", quando comparada às chamadas grandes civilizações.

Assim, pode-se ter uma concepção do índio com a qual se advoga: *a reserva é uma defesa para ele; os índios deveriam ter uma proteção para que o civilizado não prejudique ele; nós temos que ir lá procurando ajudar.* Como também é possível encontrar com freqüência o reconheci-

mento de que o índio não é violento, não tenho essa impressão; não é instintiva a violência do índio; a violência do índio é uma reação pelo que ele sofre, a violência que ele manifesta é consequência disso. Ocorre, como lembra Castro Faria (1970 : 299) que a idéia de proteção aos índios representa o

...reconhecimento de que são agredidos, mas por outro lado a idéia de pacificação de índios hostis representa o reconhecimento de que em certas circunstâncias são agressores.

E isto por mais que se saiba e deva-se admitir que o humanismo positivista de Rondon e dos seus seguidores

...fez do respeito à vida do índio uma legenda e a caridade cristã, inspiradora da obra missionária, não seria menos afirmativa nesse particular. (Ibid. 301).

Contudo, não se pode deixar de igualmente reconhecer que o índio, essa misteriosa categoria mágica "pouco mudou a sua figura nesses quatrocentos anos de Brasil" (Oliveira, 1972 : 67), de tal modo que sua sobrevivência parece só poder se fundamentar, como em geral falam os autores,

...na sua própria negação, Isto é, na medida em que se deixe descharacterizar, em que não seja mais índio e que, ao contrário, se torne cristão e brasileiro. (Faria, 1970 : 301).

Portanto, talvez por causa da própria situação de existência social do homem urbano, uma situação mais diferenciada, mais diversificada, como costumam pensar as pessoas, seria possível também encontrar entrevistas diversificadas falando-nos de que os índios *tiveram influência dos missionários eles vão fazer o que é mandado, seria meio índio e meio civilizado*, chamando a atenção de que *a riqueza do patrimônio cultural deles iria se perder ao assimilar nossa cultura*, ao lado do fato de que *conservá-los no estado em que estão seria um quisto de pessoas que não seguiriam a sociedade geral e, portanto, prejudicariam a civilização, a construção de cidades*.

De fato, identificando civilização com algo físico, material, como, por exemplo, a "construção de cidades", ou identificando civilização com a nossa sociedade, com o progres-

so, utilidade, costumes, ritmo de cidade, organização, é natural que o índio seja visto dessa maneira: *o índio pode se civilizar com o estudo como se educa uma criança; já tem muitos civilizados que trabalham; procurar aproximá-los da sociedade, educá-lo, dotá-lo de todos os meios de um ente civilizado, eles educados serão úteis à pátria; o índio trabalha, trabalha para a sobrevivência, não é um trabalho orientado, não rende o que poderia render se ele tivesse organização do homem civilizado; em parte nós deveríamos civilizá-los, aprender a ler e escrever, ensinar os nossos costumes, higiene.*

Diante de tudo isso, o dilema "imaginário" que propusemos aos entrevistados transformou-se num problema "real" para nós, o entrevistador/observador. Passamos a duvidar e a pensar no lamento do Prof. Castro Faria (1970 : 301) :

É pena que em geral lhe seja negado o direito de opção, sobretudo o direito de permanecer índio e de contestar o que nós chamamos de civilização...

AGRADECIMENTOS

A Eduardo Galvão pela gentileza da revisão, e a Isidoro Alves pela troca de idéias na época em que fizemos a seleção ao Mestrado.

SUMMARY

This paper was elaborated to know which were the ideas that the urban man has about the Indian. With this purpose 13th interviews were realized in Rio de Janeiro city. So this paper shows that the Indian sometimes is looked on by the urban man as a savage animal, lazy or as violent living in the forest. Or else the Indian is looked as a primitive man, worker and oppressed, living in misery. This work shows also that in our industrial and urban society there is one evolutionist and democratic conscience favorable to the indian, a current that wants the indian preservation or the indian integration in our nacional society.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- AZEVEDO, T.
1965 — **Cultura e situação racial no Brasil**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 199 p.
- BARTH, F.
1969 — Introduction. In: BARTH, F., ed. **Ethnic groups and boundaries**. London, George Allen. p. 9-38.
- FARIA, L. Castro
1970 — A situação do índio no Brasil. In: **ENCICLOPÉDIA BARSA**. Livro do Ano 1970. Rio de Janeiro, Encyclopaedie Britannica, p. 298-301.
- FERNANDES, Florestan
1965 — **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo, Dóminus-USP. 394 p.
- FRIEDMANN, Georges
1968 — **Sete estudos sobre o homem e a técnica**. São Paulo, Difusão Européia do Livro. p. 162.
- MATTA, Roberto da
1974 — **Quanto custa ser índio no Brasil: considerações sobre o problema da identidade étnica**. Rio de Janeiro, Museu Nacional. Inédito. 36 p.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de
1972 — O índio na consciência nacional. In: — **A sociologia do Brasil indígena**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro. p. 67-76.
1971 — Identidad étnica, identificación y manipulación. **América Indígena**, México, 31 (4): 923-53.
- KAPLAN, A.
1969 — **A conduta na pesquisa**. São Paulo, Herder, 440 p.
- RIBEIRO, Darcy
1970 — A política indigenista brasileira. In: — **Os índios e a civilização**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. p. 127-227.
- SARTRE, Jean-Paul
1965 — **Reflexões sobre o racismo**. São Paulo, Difusão Européia do Livro. 129 p.

Entregue para publicação em 30/6/75.

CORTEZ, Roberto. O índio na consciência urbana. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Nova série: Antropologia, Belém (59): 1-18, ago. 1975.

RESUMO: Idéias de homem urbano a respeito do índio, com base em 13 entrevistas realizadas na cidade do Rio de Janeiro. É sugerido ser o índio muitas vezes visto ora como um animal selvagem, indolente e/ou violento, habitando a selva, ora como um homem primitivo, trabalhador e/ou oprimido, vivendo na miséria. Também mostra que na sociedade urbano-industrial competitiva há uma certa consciência evolucionista-democrática a favor do índio, a qual tanto serve para justificar sua preservação como índio, como sua integração na sociedade nacional. Bibliografia.

CDU 301.153:572.9(81=082)

CDD 301.1081 572.981

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

t